

# DEUS NÃO ESTÁ MORTO

Evidências científicas da existência divina

Amit Goswami

Tradução  
Marcello Borges

1ª reimpressão

 EDITORA  
ALEPH

Copyright © Amit Goswami, 2008  
Copyright © Aleph, 2008  
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: God is not dead  
CAPA: Thiago Ventura  
Luiza Franco  
REVISÃO TÉCNICA: Adilson Silva Ramachandra  
PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO: Ana Cristina Teixeira  
PROJETO GRÁFICO: Neide Siqueira  
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira  
DIRETOR EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.  
Publicado mediante acordo com *Hampton Roads Publishing Co., Inc. Charlottesville, Virginia, USA.*

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA.  
Rua Dr. Luiz Migliano, 1.110 – Cj. 301  
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel: [55 11] 3743-3202  
Fax: [55 11] 3743-3263  
[www.editoraaleph.com.br](http://www.editoraaleph.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Goswami, Amit

Deus não está morto : evidências científicas da existência divina / Amit Goswami ; tradução Marcello Borges. – São Paulo : Aleph, 2008.

Título original: God is not dead  
Bibliografia  
ISBN 978-85-7657-058-5

1. Deus – Existência 2. Espiritualidade 3. Religião e ciência 4. Teoria quântica  
I. Título.

08-07251

CDD-215

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Deus : Existência : Religião e ciência 215

1ª reimpressão  
2009

# sumário

Prefácio.....	9
Prólogo – Para cétricos.....	13
PARTE 1 – INTRODUÇÃO.....	25
1. A redescoberta científica de Deus.....	27
2. Os três fundamentos das religiões.....	45
3. Breve história das filosofias que guiam as sociedades humanas.....	51
4. Deus e o mundo .....	62
PARTE 2 – A EVIDÊNCIA DA CAUSAÇÃO DESCENDENTE .....	73
5. As assinaturas quânticas do divino .....	77
6. Causação descendente na psicologia: diferença entre inconsciente e consciente .....	94
7. Como Deus cria o universo e a vida que há nele .....	105
8. O desenho, o desenhista e os projetos do desenho.....	116
9. O que essas lacunas fósseis provam? .....	125
PARTE 3 – A EVIDÊNCIA DOS CORPOS SUTIS.....	139
10. O interior da psique.....	141
11. A evidência do corpo vital de Deus .....	150

12. Explorando a mente de Deus.....	158
13. Evidência da alma .....	165
14. Evidência dos sonhos .....	183
15. Reencarnação: algumas das melhores evidências da alma e de Deus .....	198
 PARTE 4 – CAUSAÇÃO DESCENDENTE REVISITADA.....	 211
16. O que a PES prova?.....	213
17. Deus e o ego: co-criadores de nossas experiências criativas .....	219
18. O amor é uma evidência resplandecente de Deus.....	231
19. Evidência para a causação descendente na cura da mente-corpo .....	241
 PARTE 5 – ATIVISMO QUÂNTICO .....	 249
20. Ativismo quântico: uma introdução.....	251
21. Para resumir .....	261
 Epílogo 1. Abordando Deus e a espiritualidade pela ciência: um apelo aos jovens cientistas.....	 264
Epílogo 2. A física quântica e os ensinamentos de Jesus: um apelo aos cristãos de coração jovial .....	271
Bibliografia .....	283
Índice remissivo .....	289

## prefácio

Será que a questão de Deus pode ser solucionada por evidências científicas? Neste livro, mostro que pode e que já foi, a favor de Deus. Mas a evidência é sutil, e a nova ciência, dentro do primado da consciência, que proporciona o contexto para a evidência científica, baseia-se na idéia da física quântica que, para muitos, ainda equivale a falar grego, e por isso a mensagem demora para penetrar as consciências científica e popular. Nestas páginas busca-se acelerar a nova aceitação de Deus em nossa sociedade, em nossa cultura.

Um ponto precisa ser esclarecido desde o início. Qual é o “Deus” que a ciência está redescobrimdo? Todos sabem que até as pessoas religiosas que muito falam sobre Deus não conseguem chegar a um acordo sobre o que é Deus. O que a ciência está redescobrimdo? Um Deus cristão, um Deus hindu, um Deus muçulmano, um (não) Deus budista, um Deus judaico ou um Deus de uma dessas religiões menos populares? A resposta é decisiva.

O que quase ninguém sabe é que no núcleo esotérico de todas as grandes religiões há muito mais concordância sobre a natureza de Deus. Mesmo no nível mais popular, a maioria das religiões está de acordo sobre três aspectos fundamentais de Deus. O primeiro aspecto é que Deus é um agente de causação acima da causação que provém do nível terreno e mundano. Segundo, há níveis da realidade mais sutis do que o nível material. E, terceiro, há qualidades divinas – o Amor é uma das mais importantes – às quais todas as pessoas deveriam aspirar e que a religião deseja mostrar e ensinar. Qual é o Deus que a ciência está redescobrimdo? Por enquanto,

basta dizer que o Deus redescoberto pela ciência tem todos esses três aspectos importantes.

Apresento, aqui, dois tipos de evidência científica para a existência de Deus.

O primeiro tipo de evidência científica para a existência de Deus é o que chamo “as assinaturas quânticas do divino”. A física quântica nos oferece novos aspectos da realidade – as assinaturas quânticas – e, para compreendê-las, explicá-las e apreciá-las, somos obrigados a introduzir a hipótese de Deus. Um exemplo é a não-localidade quântica, a comunicação sem sinal. A comunicação normal é uma comunicação local, realizada por meio de sinais que transportam energia. Mas, em 1982, Alain Aspect e seus colaboradores confirmaram em laboratório a existência de comunicações que não exigem esses sinais.

Até agora, havia a crença de que esses fenômenos de assinatura quântica só aconteciam no mundo submicroscópico da matéria e que, por isso, não eram importantes para o mundo macro. Mas, neste livro, discuto e demonstro que essas assinaturas quânticas também devem ocorrer em nossa dimensão humana, e que, de fato, acontecem e proporcionam evidências indiscutíveis para a existência de Deus. Vários grupos experimentais, em conexão com diversos fenômenos diferentes, encontraram estas evidências em laboratório.

O segundo tipo de evidência científica para a existência de Deus envolve aquilo que as religiões chamam domínios sutis da realidade. É fácil rotular este tipo de evidência como algo pertencente a problemas impossíveis, que exigem soluções impossíveis (do ponto de vista materialista, é claro).

Um exemplo pode esclarecer esta questão: recentemente, tem surgido muita controvérsia sobre teorias criacionistas/desígnio inteligente *versus* evolucionismo. Por que toda essa polêmica? Porque, mesmo depois de 150 anos de darwinismo, os evolucionistas ainda não têm uma teoria à prova de falhas. Não podem sequer explicar os dados fósseis, especialmente as lacunas fósseis, e também não podem dar explicações satisfatórias sobre como e porque a vida parece ter sido projetada de forma tão inteligente. É isso que abre espaço para a controvérsia. Uma avaliação científica honesta, sem preconceitos, das teorias e dos dados, seria a seguinte: nem o darwinismo, nem sua síntese recente com a genética e com a biologia populacional, chamada neodarwinismo, concordam com todos os dados experimentais.

Assim como propostas, teorias como o criacionismo e o desígnio inteligente têm pouco conteúdo científico, mas existem dados incon-

testáveis que apoiam as idéias fundamentais da evolução e do desígnio inteligente (mas não do criacionismo baseado na *Bíblia*).

A chave, neste sentido, seria perguntar: "Haverá uma alternativa para ambas essas abordagens que concorde com todos os dados?" Minha resposta é *sim*, e vou demonstrá-la nesta obra. Porém, a resposta exige a existência de um Deus com poderes causais e de um corpo sutil que atua como gabarito da forma biológica; o materialismo não permite nenhuma dessas duas entidades. E, assim, problemas impossíveis requerem soluções impossíveis!

Um outro exemplo envolve o processo do significado. O filósofo John Searle e o físico Roger Penrose demonstraram que os computadores apenas podem processar símbolos, não o significado que os símbolos podem representar. Precisamos da mente para gerar e processar significados. Mas como a mente interage com a matéria? O antigo problema dualista da interação corpo-mente ainda nos assombra. É por isso que mostro que a hipótese de Deus é essencial para resolver o problema da interação corpo-mente. E, neste novo e "impossível" contexto, nossa capacidade criativa para processar um novo significado nos oferece muitas evidências científicas tangíveis da existência de Deus.

Se a boa novidade é que esta evidência de Deus já existe, então o que devemos fazer a respeito? Bem, primeiro devemos reformular nossa ciência dentro da hipótese quântica de Deus e demonstrar a utilidade dessa hipótese fora da física quântica. Nas páginas que se seguem, demonstro que essa hipótese resolve todos os mistérios ainda não resolvidos da biologia – a natureza e a origem da vida, as lacunas fósseis da evolução, o motivo pelo qual a evolução procede do simples para o complexo, pois os seres biológicos têm sentimentos e, misteriosamente, uma consciência, apenas mencionando alguns. Também veremos que, dentro da hipótese quântica de Deus, a psicologia "profunda" de Freud, Jung e Hillman, baseada no inconsciente, será complementar à psicologia "elevada" dos humanistas e transpersonalistas de tempos recentes – Rogers, Assagioli, Maslow e Wilber – com base na transcendência ou superconsciência. Hoje, essas duas psicologias são vistas como caminhos definitivos para a compreensão de Deus em nossas vidas.

No entanto, há outros aspectos da hipótese quântica de Deus que cada um de nós pode compreender e até fazer fruir. A nova ciência confere validade à nossa atual preocupação com significado, embora a visão materialista de mundo esteja se esforçando ao máximo para prejudicá-la. Também é importante o fato de que uma ciência baseada

em Deus coloca a ética e os valores em seu lugar correto – no centro de nossas vidas e sociedades.

Podemos não gostar de alguns aspectos de algumas das antigas religiões que, até aqui, eram as únicas proponentes do conceito de Deus, mas precisamos concordar a respeito de pelo menos uma coisa: todas as religiões deram ética e valores (o cultivo da piedade) para nossas sociedades, que foram corroídas pela atual visão materialista de mundo, com resultados devastadores para nossa política, economia, negócios e educação. Com a redescoberta científica de Deus, assim como redescobrimos também a ética e os valores, ganhamos a oportunidade de revitalizar modernos sistemas sociais como a democracia e o capitalismo, que tiveram sucesso durante algum tempo mas que, atualmente, parecem ter ficado paralisados diante de dificuldades aparentemente intransponíveis.

A preocupação com significado, ética e valores é importante para a evolução da humanidade. A mensagem final deste livro é o que chamo ativismo quântico – a combinação entre o atual ativismo da mudança do mundo e os esforços para nos alinharmos com o movimento evolucionário do todo. Se esta etapa exige que nos envolvamos com a criatividade e saltos quânticos para processar significado e valores, enquanto nos dedicamos aos assuntos do mundo, que assim seja. No mínimo, isso irá proporcionar um novo sentido e valor para nossas vidas; na melhor hipótese, irá abrir caminho para uma nova era de iluminação.

Tenho profunda gratidão por todas as pessoas que contribuíram para a redescoberta de Deus, assunto que aqui será tratado. Os nomes são muitos, e me sinto impedido de citá-los um por um, com a exceção de minha esposa Uma, que também é minha parceira em minha atual prática espiritual. Agradeço a todos os ativistas quânticos que trabalharam comigo no passado e que estão trabalhando comigo no presente, e também àqueles que irão se dedicar ao ativismo quântico no futuro. Finalmente, agradeço a meus editores, Bob Friedman e John Nelson, e à equipe da Hampton Roads, pelo belo trabalho de produção deste livro.



## *prólogo*

# para céticos

Antes de apresentar este livro para você, meu caro leitor, perguntei para mim mesmo: "Que reação à idéia básica aqui contida teriam três grupos de céticos até a raiz – o cientista materialista, o teólogo cristão e, por último, mas não menos importante, o filósofo ocidental?" Por isso, decidi fazer um exercício de imaginação ativa para lidar de frente com o ceticismo desses três grupos.

Na minha imaginação, criei meu cientista de palha. É um norte-americano branco, com paletó e gravata afrouxada perto do colarinho (para sugerir abertura, como um toque de Richard Feynman). Ele tem aquele ar de despreocupação de quem sabe tudo, um charuto aceso na mão, imitando o célebre físico dinamarquês Niels Bohr. E, naturalmente, um sorriso impaciente e arrogante no estilo do biólogo James Watson, com a intenção de ocultar a sua eterna insegurança. Eu pergunto ao meu cientista: "Estou planejando apresentar um livro que trata da evidência científica da existência de Deus. O que você acha da idéia?"

"Não sei, não", responde meu cientista, sem me surpreender muito. E prossegue: "Sabe, temos tido alguma experiência com esse tipo de evidência científica. Veja o caso dos criacionistas, por exemplo. Apesar do barulho que fazem, se você olhar de perto, verá que as suas evidências se baseiam nas negativas por nós apresentadas. São espertos, isso tenho de admitir. Fazem algumas colocações interessantes sobre os furos na teoria da evolução de Darwin, nosso antídoto contra sua chamada ciência da criação. Mas temos contra-atacado, mostrando que suas idéias não constituem ciência porque

não são comprováveis". Ele me lança um olhar desafiador e prossegue. "Olha, eu sei o que você quer. Você quer provar Deus, realçando todas explicações deficientes da ciência materialista. Mas isso nunca vai dar certo".

Isso não faz parte do meu plano; pelo menos não é importante. No entanto, fiquei curioso: "Bem, e por quê?"

"Por quê?" Seu sorriso agora é condescendente. "Porque, meu amigo idealista, sempre podemos tratar nossas negativas com promessas de futuras descobertas científicas. As respostas estão soprando no vento da ciência futura."

"Eu sei, eu sei", disse, mostrando que também posso ser condescendente. "Karl Popper não censurou essa atitude, chamando-a de materialismo promissivo?"

Seu charuto se apagou e ele se preocupa em reacendê-lo. Ele dá uma longa bafurada e solta uma nuvem de fumaça. Agora, me encara com olhar penetrante, como se estivesse pronto para me dar uma surra, pois eu comprei a briga. "O que é Deus?" pergunta.

Mas estou pronto para ele. E respondo com tranqüila confiança: "Deus é o agente de causação descendente..."

"Ah, aquela velha resposta outra vez", ironiza. "Achei que você teria algo melhor. Eliminamos esse Deus faz tempo, porque é um dualismo. Como um Deus não-material provoca a causação descendente em objetos materiais? Qualquer interação com o mundo material exige troca de energia. Mas a energia do mundo material se conserva sempre. Não há fluxo de energia para Deus ou vindo de Deus. Como seria possível isso, se Deus estivesse sempre interagindo com o mundo?"

"Você não me deixou terminar..."

"Você não me deixou terminar", prossegue ele. "Veja. Não negamos que você sente a presença de um Deus todo-poderoso em seus rituais religiosos. Mas temos uma explicação. Deus é um fenômeno cerebral. Quando você estimula determinados centros do mesencéfalo com seus rituais, provoca experiências de uma força poderosa. A causação descendente faz sentido, nessa situação. Correto?"

"Não, não está correto." Também aprendi a ser firme. "Deus é o agente da causação descendente, mas não precisa ser o Deus dualista da Antiguidade. Seu problema é que, desde Galileu, vocês têm lutado contra um Deus de palha – o Deus do cristianismo popular – que não é a divindade real. O problema de verdade é o seguinte: o seu modelo da realidade – um nível material de existência e causação ascendente, a partir do nível básico da matéria (Figura 1) – justifica tudo, todos os dados? Não consegue. Você precisa encarar esse fato.

Os cristãos das antigas tradições tentavam explicar tudo que não podiam compreender por meio do princípio explicativo genérico de 'Deus e Sua causação descendente'. É uma idéia muito limitada. A ciência se desenvolveu combatendo essa idéia e descobriu formas mais adequadas de se compreender dados. Hoje, vocês, cientistas materialistas, estão fazendo a mesma coisa. Qualquer fenômeno inexplicável é negado ou, então, explicado com um abuso de alguns conceitos ultrapassados. Qual o uso científico de se dizer que Deus é um epifenômeno emergente do cérebro ou que o conceito de Deus é uma adaptação útil da darwiniana luta pela sobrevivência? Nunca poderemos comprovar essas idéias.

"Você está me dando uma palestra", resmungo.

"E daí? Você me deu uma palestra." Fico sério. "Este Deus, de que estou falando, é a *consciência quântica*. Como você sabe muito bem, na física quântica os objetos não são coisas determinadas; são, na verdade, possibilidades entre as quais Deus – a consciência quântica – escolhe uma. A escolha de Deus transforma as possibilidades quânticas em eventos reais, experimentados por um observador. Sem dúvida, você aceita a idéia de que a consciência quântica é científica."

"Sim, é claro. O efeito do observador: objetos quânticos parecem ser afetados por observadores conscientes, a consciência." Ele parecia um pouco irritado. Depois, sorriu com ar maroto. "Vinho novo em garrafa nova, não é? Tentando fazer com que a idéia da consciência quântica seja provocadora, dando-lhe o nome de Deus?"

Ele não entendeu o que eu disse. "Veja, estou falando sério. A consciência quântica é, na verdade, aquilo que nossos sábios, os verdadeiros conhecedores, os místicos, queriam dizer ao mencionar Deus. Comecei minha exposição provando isso e também mostrando que essa é uma idéia confirmável."

Ele me interrompe: "É mesmo? Olhe, esse negócio do observador é apenas uma aparência. Deve haver uma explicação material para essa aparência. É muito precipitado postular a consciência real". Ele parece estar começando a ficar irritado.

"Mas é logicamente consistente presumir isso. Se fizermos de outro modo, teremos um paradoxo."

"Sim, mas não podemos deixar que alguns paradoxos interfiram com nossas convicções filosóficas", diz, com ar maroto.

Ele não entendeu o que eu disse. "Olhe, estou falando sério. Repito, a consciência quântica é aquilo que nossos místicos queriam dizer ao mencionar 'Deus'. Vou repetir também que essa é uma idéia comprovável experimentalmente."

Desta vez, ele me ouviu, e ficou boquiaberto: “É mesmo? Como?”

“Olhe, desde que o físico Pierre-Simon Laplace disse ao imperador Napoleão, ‘não preciso dessa hipótese [Deus][para minhas teorias]’, vocês vêm usando esse argumento para rejeitar Deus.”

“Ah, e com sucesso”, interrompe meu cientista.

“Sim, mas agora posso apresentar a contraprova. Vou mostrar paradoxos teóricos e dados experimentais para que se veja que precisamos da hipótese de Deus, não apenas para remover paradoxos lógicos de nossas teorias, mas também para explicar muitos dados recentes. Afivele o cinto.”

Meu cientista olha para o vazio. Sei que o atingi. Cientistas respeitam a solução de paradoxos e, acima de tudo, dados experimentais.

Porém, meu cientista se exalta e diz, irônico: “Com certeza, você não espera que deixemos de lado nossas convicções apenas por causa de alguns paradoxos. Quanto aos novos dados, é um pouco especulativo dizer que a física quântica, idealizada para o mundo micro, também funciona no mundo macro. É o que está sugerindo, não é? Imagino que, depois, você vai dizer que suas idéias já foram comprovadas por experimentos objetivos no mundo macro.”

Sorriso. “É exatamente isso que estou dizendo. Quanto à aplicabilidade da física quântica ao mundo macro, imagino que você já conheça o *SQUID*”.

Meu cientista sorri. “*SQUID*? Às vezes, minha mulher prepara lula para o jantar, mas não posso dizer que aprecie esse prato.”

Balanço a cabeça. “Você sabe que *SQUID* é a sigla de *Superconducting Quantum Interference Devices* [Aparelhos Supercondutores de Interferência Quântica]. É algo técnico demais para ser tratado aqui, mas esses experimentos mostraram, há muito tempo, que a física quântica se aplica também ao mundo macro, como de fato deveria acontecer. Além disso, os experimentos que comprovam Deus, dos quais falarei neste livro, são todos experimentos de nível macro. Alguns desses novos dados foram até reproduzidos.”

Meu cientista parece um pouco incomodado. “Olhe aqui, nunca iremos aceitar como ciência essas coisas que você está fazendo. Sabe por quê? Porque a ciência, por definição, procura explicações naturais. Você está aceitando nessa hipótese algo sobrenatural, Deus. Nunca poderá ser ciência.” Ele parece ser teimoso.

“Se por ‘natureza’ você se refere ao mundo de espaço-tempo-matéria, então sua ciência não pode sequer abrigar a física quântica. Que vergonha. O experimento de Aspect – fótons que se afetam mu-

tuamente sem sinais pelo espaço ou pelo tempo – já encerrou a questão de uma vez por todas.”

Agora, meu cientista olha novamente para o vazio. De maneira conveniente, seu charuto se apagou de novo. Sei que sentiu o golpe. Levanto-me. Cientistas respeitam experimentos objetivos. Um já foi, o cientista materialista; faltam dois.

Na minha imaginação, crio agora o filósofo cético: norte-americano branco, alto, cabeça raspada e muito parecido com Ken Wilber. Falo de meu livro sobre evidências científicas da existência de Deus. Falo também de meu encontro com o cientista cético. Ele me surpreende com sua pergunta: “O que é ciência?”

Brinco um pouco com as palavras. “Temos idéias sobre a existência graças à nossa experiência com o mundo exterior e o interior, bem como nossas intuições. Eles constituem nossa filosofia da existência que vocês, filósofos, chamam *ontologia* ou *metafísica*. Depois, vem a forma como conhecemos a existência, que vocês filósofos chamam *epistemologia*, certo? Os cientistas teorizam intuitivamente a existência, fazem deduções a partir de diversos *insights* teóricos, e depois submetem as teorias a uma comprovação experimental por consenso. A ciência é uma epistemologia com duas asas: teoria e experimento.”

Espero a aprovação de meu amigo. Ele resmunga: “Tá, tá. Mas aquilo que você estuda e descobre com essa ciência diz respeito à experiência manifestada e efêmera, não é?”

Ele tem razão. Concordo com a cabeça.

“Então, me diga, como você pode usar essa ciência dos fenômenos temporais, fenômenos limitados pelo espaço, para provar a existência daquilo que é eterno, que está além de todos os fenômenos, que é transcendente? Sua idéia é pior do que a desses cristãos medievais que tentaram provar a existência de Deus por meio da razão, em função dessa sua pretensão científica. Você acha que as pessoas vão aceitar sua idéia porque você a reveste de ciência, não é mesmo?”

Este sujeito, além de arrogante, é cínico. Procuo interromper, mas não consigo. Ele continua em sua voz *staccato*: “Já sei o tipo de prova científica de Deus que você quer dar. Você procura fazê-lo não apenas com uma redefinição de Deus, mas redefinindo o materialismo. Você é holista, não é?”

Na verdade, não sou holista, pelo menos não do tipo comum, que acha que o todo é maior do que suas partes ou que novas criações podem surgir de componentes simples, mas sem poder ser reduzidas a eles. Porém, sua pergunta aguçou minha curiosidade. “E o que você tem contra os holistas?”

Ele me olha com desdém. “Olhe, como até Descartes compreendeu, 400 anos atrás, a matéria é basicamente reducionista, o microcosmo constitui o macrocosmo. Sugerir que a matéria maior, em virtude de sua complexidade, pode ter novas características emergentes, é ridículo. Você acha que Deus é uma interconexão da matéria emergente e que a causação descendente de Deus é um princípio causal emergente de matéria complexa; mas esse tipo de idéia pode ser facilmente contestada.” Ele faz uma pausa, aguardando minha reação. Fico em silêncio. Ele prossegue.

“Se a idéia de holismo emergente fosse sustentável, ele apareceria sempre que criássemos matéria complexa a partir da mais simples, como, por exemplo, quando formamos uma molécula a partir de um conglomerado de átomos. Quando o hidrogênio e o oxigênio se misturam para formar uma molécula de água, surge alguma propriedade que não pode ser prevista a partir da interação de seus elementos? Não. E se você diz que a natureza molhada da água, algo sensível, é uma propriedade emergente, vou socá-lo. A sensação de molhado da água vem de *nossa* interação com a molécula da água.”

Tento acalmá-lo. “Não disse que algo novo e holístico surge quando o hidrogênio e o oxigênio se combinam para formar a água. Na realidade, concordo com você. Os holistas caminham sobre um gelo muito fino.”

Tive a impressão de que não prestou atenção ao que eu disse e prosseguiu. “Se Deus fosse apenas uma interconexão emergente da matéria, Deus seria limitado ao tempo e ao espaço. Não haveria transcendência, iluminação repentina, transformação espiritual. Você pode chamar a visão holística de ecologia profunda, vesti-la com o nome sofisticado de ecofeminismo, satisfazendo mentes mediócras, mas isso não satisfaz quem é filosoficamente inteligente. Isso não me satisfaz.”

Percebo, mais uma vez, sua arrogância. E, neste caso, é claro que ele tem razão em seu ponto básico. Tento ser paciente e exclamo: “Ó, grande filósofo, você tem razão. O holismo é uma abordagem inútil do filósofo em cima do muro, que valoriza; porém, Deus não abre mão totalmente do materialismo. E você tem razão quando diz que a ciência nunca pode encontrar respostas sobre a verdade última. A verdade é.

Mas, espere um pouco, por favor. Os materialistas fazem a afirmativa ontológica de que a matéria é a base reducionista de toda existência; tudo, mesmo a consciência, pode ser reduzido a tijolos de matéria, as partículas elementares e suas interações. Eles afirmam que a consciência é um epifenômeno, um fenômeno secundário da matéria, ou seja, a realidade primária. O que demonstro é a necessidade de

virar a ciência materialista de cabeça para baixo. A física quântica exige que a ciência se baseie no primado da consciência. Assim sendo, a consciência é a base de toda existência, uma existência que os místicos chamam *Mente de Deus*. Que os materialistas percebam que a matéria é o epifenômeno, não a consciência."

"Percebo", diz meu filósofo, sem se abalar. "Isso parece muito nobre. Mas você não foi longe demais para o outro lado? É possível chamar isso de ciência, se você a baseia no primado da consciência?"

Em minha opinião, os cientistas podem analisar o lado objetivo da consciência, o *Isso* e os *Issos*, o aspecto da terceira pessoa da consciência, por assim dizer. Os místicos, ou melhor, todos nós, analisamos pessoalmente o lado subjetivo, a experiência na primeira pessoa. O filósofo pode fazer até melhor levando em consideração o lado intersubjetivo, o aspecto do relacionamento da consciência ou segunda pessoa. É isso que chamo de 1-2-3, o aspecto da consciência da primeira, da segunda e da terceira pessoa. Se ampliarmos o estudo da consciência, levando-o do ponto de vista puramente objetivo e científico para o que inclua os outros aspectos, obtemos um modelo completo, o modelo de quatro quadrantes (Figura 3.1, p. 57). E, assim, o problema da consciência está resolvido. Não precisamos da física quântica e de seu novo paradigma de pensamento científico."

Fico um pouco espantado com suas alegações. Este sujeito é duro na queda. Contudo, consigo dizer: "Isso é bom. É bom mesmo. Descreve o fenômeno como fenomenologia; isso é perfeito. Mas o modelo não integra os quatro quadrantes".

Ele dá uma resposta atravessada: "É exatamente isso que estou dizendo, bem como o místico. Para integrar, você precisa ir além da ciência, além da razão, até estados superiores da consciência".

Agora é minha vez de parecer intransigente: "Essa é uma posição elitista e você sabe disso. Os místicos sempre disseram que, para conhecer a realidade, precisamos de estados superiores da consciência. E dizem para quem quiser ouvir, 'seja bom. Porque eu vivenciei esses estados superiores e sei o que é bom para você'. Mas esse plano chegou a funcionar?"

Até certo ponto, é provável que funcione, porque sermos bons faz parte de nossa natureza; daí o atrativo das religiões. No entanto, as emoções básicas também fazem parte de nossa natureza; e assim o materialismo também nos atrai. E essa discussão entre misticismo e materialismo prossegue, em público e em caráter privado."

"E o que você está propondo?", ele pergunta.

"A física quântica nos permite desenvolver uma integração dinâmica entre a metafísica espiritual e a ciência do mundo material. Ela guarda o mistério do misticismo, da realidade suprema. Mas também permite que a razão penetre a fundo o suficiente para compreender a integridade de seu 1-2-3 da consciência", digo com voz solene.

Agora o filósofo demonstra respeito: "E como essa redefinição quântica da ciência ajuda a estabelecer Deus, para que cientistas e os demais aceitem a idéia e tentem ser bons?", pergunta.

"Lembra-se do diálogo com o cientista de quem lhe falei?" Neste instante, percebo que tenho sua atenção integral. "Deus é consciência quântica; este é um nível abaixo do nível absoluto da consciência como base de toda a existência. Testes científicos, objetivos e experimentais, podem ser realizados neste nível. Não digo para testar Deus diretamente, mas para testar o poder de causação descendente que se manifesta não apenas no mundo material como também nos níveis sutis. Além disso, nós também estamos descobrindo dados sólidos e objetivos sobre a existência do sutil. Esta confirmação experimental e objetiva é que irá convencer a todos e levar a uma mudança de paradigma. Tenho certeza de que você concorda comigo."

"Certo, certo. Será interessante ler o que você tiver a respeito", diz, com ar de despedida. Ele precisa ter a última palavra. Reconhecendo sua necessidade, despeço-me.

Dois já foram, falta um: o teólogo cristão. Tento criá-lo cuidadosamente, sem descuidar do traje, que deve ser adequado e tudo o mais. Para minha surpresa, acabo criando uma mulher. O mundo está mudando, de fato; ainda há esperanças para Deus.

Saúdo minha teóloga. Falo do título do livro e de minhas discussões com o cientista cético e o filósofo. Ela sorri com simpatia. De repente, o sorriso desaparece e ela começa a falar em rápido *staccato*.

"Você sabe que simpatizo com sua causa, mas meu ceticismo vem de nossa experiência com os materialistas. Não os subestime, pois eles podem comê-lo vivo."

"É, com certeza nos comem vivos." Não consigo resistir à provocação. "Mas você sabe a razão, não sabe? Vocês não levam a ciência a sério, por mais materialista que ela seja. O Vaticano demorou 400 anos para reconhecer Galileu e outro tempo enorme para reconhecer Darwin. E os fundamentalistas de seu rebanho ainda lutam com unhas e dentes contra a idéia de evolução. Mas, nós levamos os materialistas a sério e os respeitamos; damos-lhes o crédito devido. A nova ciência inclui a ciência materialista."



"Tudo bem", diz minha teóloga. "Porém, o fato de vocês estarem incluindo a ciência deles não irá agradá-los. Eles querem exclusividade.

Tentamos encurralá-los inúmeras vezes, lembrando as lacunas em sua ciência e tentando provar a existência de Deus e a causação descendente nessas lacunas. Mas os materialistas sempre conseguiram se esquivar de nossos esforços, estreitando as lacunas."

"Agora temos evidências mais profundas do que as lacunas que a teologia...".

Ela me interrompe no meio da frase: "Eu sei, eu sei. Nós também temos evidências mais profundas. Evidências lindas, argumentos lindos, desde William Paley até os atuais teóricos do desígnio inteligente. Se o propósito não é uma assinatura do divino, o que será então? Se você vê um belo relógio em uma floresta, como pode não ver um propósito, como pode ignorar o desenhista, o fabricante do relógio? Do mesmo modo, como você pode ver as belas criaturas vivas da natureza e não se perguntar sobre o propósito de Deus, sobre Deus, sobre o desenhista?

No entanto, o filósofo Herbert Spencer e, mais recentemente, o biólogo Richard Dawkins distorcem os argumentos do desígnio inteligente! O propósito do mundo biológico é aparente, dizem. Não é uma assinatura da teleologia, mas simples teleonomia, o resultado da adaptação darwiniana. Dawkins até escreveu um livro chamando Deus de *O relojoeiro cego*, e outro intitulado *Deus, um delírio*, como se o fato de chamar Deus de delírio o transformasse nisso. E as pessoas aceitam suas idéias. Até os juízes."

Na verdade, a última afirmativa não é correta. Embora, em 2006, um juiz federal tenha se declarado contrário ao ensino do desígnio inteligente nas escolas, isso ocorreu porque a defesa do desígnio inteligente ainda não é sólida. Uma de minhas metas, neste livro, é corrigir este equívoco.

O fato é que muitos cientistas perceberam a falsidade dos argumentos de Dawkins, por meio de cálculos estatísticos que mostram a improbabilidade da vida ter se originado da matéria em função do mero acaso e da necessidade de sobrevivência, como pretende Dawkins. Mas esta discussão nos desviaria do assunto. Tento voltar ao ponto central.

"Seu principal problema é que a imagem de Deus, que você difunde, é tão ingênua que é fácil desmontá-la, e Dawkins e outros materialistas se divertem em fazê-lo. Eles sempre usam o Deus do cristianismo popular como sendo um Deus de palha para provar seus

pontos de vista. Vamos ver se conseguem refutá-lo com seus argumentos materialistas se partirem de conceitos esotéricos de Deus!

Mas estou propondo mais do que isso. Vamos falar das assinaturas do divino. Creio que você ficará contente em saber que temos um novo meio de encontrar essas assinaturas, um meio à prova de falhas."

"Como assim?" Consegui atravessar o cinismo de minha teóloga. Agora, ela se mostra sinceramente curiosa.

"Sabe, minha senhora, vocês, teólogos, vêem assinaturas do divino nas lacunas do entendimento científico. E isso não é uma má idéia, em si. Eu a respeito por isso. Mas vocês não têm conseguido distinguir as lacunas que são, pelo menos em princípio, possíveis de se cobrir por meio da abordagem materialista da ciência, e aquelas que não se pode cobrir, que não se pode justificar pela abordagem baseada na matéria. Vocês têm sido um pouco superficiais. Por isso, os materialistas lavam facilmente suas assinaturas divinas com a água do racionalismo de suas mentes céticas." Faço uma pequena pausa para provocar algum impacto.

"Pode ser. Porém, qual é a sua alternativa?"

"Nós discriminamos; nós focalizamos as lacunas que não podem ser cobertas por uma abordagem materialista. Chamo-as 'questões impossíveis para o materialismo'. E existem outras.

A aplicação da física quântica nos oferece outro tipo de assinatura do divino: a consciência quântica. Um exemplo é o *insight* descontínuo da experiência criativa, uma descontinuidade que hoje identificamos como um salto quântico do pensamento. Há outros sinais: a interconexão não local, que opera sem sinais pelo espaço-tempo.

Essas assinaturas quânticas são feitas com tinta indelével; não podem ser apagadas ou racionalizadas por qualquer malabarismo materialista."

"É mesmo? Este fato nos dá muita esperança. Mas preciso perguntar: como sua nova abordagem considera Jesus? Ela reconhece a natureza especial de Jesus?"

"Sem dúvida. Jesus é muito especial. Faz parte de uma categoria muito especial de pessoas, os seres aperfeiçoados."

Minha teóloga fica pensativa: "Você compartilha da idéia de que Jesus é o único Filho de Deus?"

"Não. Mas chego quase lá. Mostro que, na categoria de pessoas a que Jesus pertence, todos têm acesso regular a um estado de consciência – chame-o Espírito Santo – que é, de fato, o único Filho de Deus."

"Isto é interessante. Lembra-me o pensamento do novo paradigma dentro da própria teologia cristã."

“É verdade.”

Eis o livro. Fala de Deus – consciência quântica –, fala de um novo paradigma da ciência baseado no primado da consciência e de assinaturas quânticas do divino, comprováveis cientificamente e que não podem ser descartadas pela razão. Ele trata, ainda, do significado e propósito de nossas jornadas espirituais, bem como do significado e propósito da evolução.

Durante milênios, nós, humanos, temos intuído Deus e temos procurado. O que descobrimos nos inspirou a sermos bons, a sermos pacíficos, a sermos amáveis. Mas fracassamos principalmente em corresponder às nossas intuições de como sermos bons, de como amar. Em nossa frustração, nos tornamos defensivos, nos tornamos crentes em Deus, crentes que precisam defender a idéia de Deus como desculpa pela incapacidade de corresponder a essa idéia. Isso nos deu o proselitismo religioso, o fundamentalismo e, até mesmo o terrorismo, tudo em nome de Deus.

A ciência moderna surgiu do esforço para nos libertarmos da tirania do terrorismo religioso. A verdade, naturalmente, é a Verdade, e por isso é inevitável que a ciência tenha redescoberto Deus. Pergunto-me, desse modo, se este fato isolado irá aliviar as dificuldades de vivenciar os ideais de Deus.

Assim sendo, será que corremos, mais uma vez, o risco de criar um dogma que teremos de defender por causa da culpa de não conseguirmos corresponder às suas exigências? Espero que não.

Uma vantagem da ciência materialista e sem Deus é que até determinado ponto ela é neutra com relação aos valores, e ninguém precisa corresponder a quaisquer ideais. Com efeito, ela estimula as pessoas a se tornarem existencialistas cínicos e a se dedicarem ao consumismo, para não dizer ao hedonismo. Evidentemente, isso também cria a imensa terra devastada de potenciais humanos insatisfeitos, que, hoje, podemos ver à nossa volta.

A nova ciência da consciência surge com maior compreensão dos erros das religiões do passado, dos erros dos antigos sustentáculos do conceito de Deus. As assinaturas quânticas do divino nos dizem, sem ambigüidades, o que precisamos fazer para realizar Deus em nossas vidas, porque falhamos, porque ocultamos nossas falhas e nos tornamos ativistas fundamentalistas. Se você respeita as assinaturas quânticas do divino, a importância dos saltos quânticos e do conhecimento não local, você tem outra opção. Estou batizando esta opção com o nome *ativismo quântico*.

O ativismo normal se baseia na idéia de mudar o mundo, mas eu não preciso mudar. Em contrapartida, os mestres espirituais dizem sempre que devemos nos concentrar em nossa própria transformação, deixando o mundo em paz. O ativismo quântico o convida a seguir o caminho do meio. Você reconhece a importância de sua própria transformação, percorre o caminho da transformação com sinceridade, apesar das dificuldades dos saltos quânticos e da exploração não local; mas você não diz, é transformação ou esqueça. Você também presta atenção no holomovimento da consciência que se desenvolve no mundo à sua volta e o ajuda nisso.

Assim, finalmente, este livro ainda é uma introdução ao ativismo quântico. Nem preciso dizer que sou um ativista quântico, e por isso, caro leitor, bem-vindo ao meu mundo.